



Coleção
Raízes do Futuro

02

COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRA DE SANTO ANTÔNIO

CONGONHAS - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autora (Comunidade)

Jane Ercília Gomes Cunha.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves,
Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares
Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro,
Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRA DE SANTO ANTÔNIO

CONGONHAS - MG

Localização da Comunidade

A Comunidade Quilombola Barra de Santo Antônio localiza-se na zona rural do município de Congonhas, a aproximadamente 25 quilômetros da sede, sendo parte deste trajeto em estrada de terra. Por outro lado, a apenas 3,5 quilômetros da comunidade está o município de Jeceaba.

Geograficamente, a comunidade se insere na mesorregião metropolitana de Belo Horizonte, estando a cerca de 115 quilômetros da capital. A região possui vegetação predominante de Cerrado e Mata Atlântica, além de ser marcada pelo relevo acidentado e pela abundância de recursos naturais, que historicamente garantem o sustento das famílias quilombolas e a preservação de seus modos de vida. Em levantamento realizado pela comunidade, em janeiro de 2025, moravam no quilombo aproximadamente 24 famílias.



História

O nome “Congonhas” deriva de uma planta medicinal muito comum na região, a congonha, espécie relacionada à erva-mate, que crescia abundantemente no território. Antes de se tornar município, o antigo arraial era chamado Congonhas do Campo, denominação que remete às áreas abertas ou de cerrado, em contraste com as densas matas presentes em outras partes da capitania durante a colonização.

A primeira notícia registrada sobre a ocupação regional data de 1683, quando a bandeira de Garcia Rodrigues mencionou um arraial formado por garimpeiros e indígenas. Esse relato marca o início de uma história profundamente atravessada pela violência colonial. Os Carijós, originários do litoral sul do Brasil, foram capturados pelos bandeirantes e levados ao interior, onde tiveram de trabalhar como mão de obra escravizada nas lavras, nas construções e nas atividades de apoio às expedições mineradoras.

Assim, além da presença negra e dos colonos, havia também forte ascendência indígena. Registros da época indicam que, na década de 1710, de 16% a 20% da mão de obra escravizada era composta por indígenas. O atual território de Congonhas fazia parte do aldeamento indígena Campo Alegre dos Carijós, o que pode explicar esse fato.

O surgimento efetivo do arraial de Congonhas do Campo ocorreu no início do século XVIII, impulsionado pelo ciclo do ouro em Minas Gerais. A área atraiu bandeirantes, garimpeiros e colonos em busca de riquezas, e sua formação se deu em torno das lavras auríferas e das capelas erguidas pelos primeiros habitantes. Seu desenvolvimento, no entanto, sustentou-se fundamentalmente na exploração da mão de obra escravizada, majoritariamente negra, responsável pela extração do ouro em condições extremamente duras e perigosas.

A exploração do trabalho escravo garantiu o rápido enriquecimento do arraial. Conforme ocorria em outros núcleos

mineradores, a descoberta de uma lavra era prontamente seguida pela construção de uma capela. Em Congonhas, a Capela de Nossa Senhora do Rosário — erguida pelos escravizados — é considerada a mais antiga. A Capela de Santo Antônio, situada hoje na Comunidade Barra de Santo Antônio, também integra esse movimento histórico e constitui parte do conjunto de edificações religiosas que marcaram a expansão do arraial.

A devoção ao Rosário possuía profundo significado para as irmandades negras, que encontravam nesses espaços formas de afirmação cultural e espiritual. A religiosidade popular do período mesclava elementos católicos com práticas afro-brasileiras, e a devoção a Santo Antônio dialogava com as demandas cotidianas dos povos escravizados.

Além das atividades minerárias, homens e mulheres escravizados trabalhavam nas fazendas da região, responsáveis pelo cultivo que abastecia mineradores, garimpeiros e proprietários de terras. O trabalho agrícola foi essencial para a sobrevivência do povoado e para a sustentação dos arraiais ao redor.

Com o declínio do ouro, Congonhas passou a integrar o Quadrilátero Ferrífero, destacando-se pela exploração de minério de ferro. A mão de obra negra continuou sendo explorada nesse novo ciclo econômico, perpetuando desigualdades e a lógica colonial.

O arraial prosperou tanto pela mineração quanto pela devoção religiosa, especialmente com o fluxo de peregrinos atraídos pelo Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Em 1934, Congonhas foi elevada à categoria de município, deixando oficialmente a denominação “Congonhas do Campo”.

Atualmente, a Capela de Santo Antônio, localizada na Comunidade Quilombola Barra de Santo Antônio, integra o conjunto histórico de Congonhas. Sua existência recorda que a cidade se consolidou não apenas pela riqueza mineral, mas também pelo trabalho de pessoas negras escravizadas, que sustentaram a economia e moldaram a religiosidade local.

O nome da capela, assim como o da comunidade, remete à antiga Fazenda Morro Santo Antônio, pertencente à família de Manoel José Monteiro de Barros. Entre as décadas de 1750 e 1850, essa família figurou entre as mais influentes da região, sendo proprietária de extensas áreas de terra, diversas fazendas e lavras de ouro, além de deter títulos nobiliárquicos, como baronatos e viscondados.

Outras propriedades associadas à família incluíam as lavras e fazendas denominadas Goiabeiras, Vieiro, Santo Antônio, Figueiredo, Três Forquilhas, Gentio, Grota Falcão, Dos França, Boa Esperança e Cafundó. A família também manteve seu capital econômico e político ao longo das décadas ao promover a transição da exploração do ouro para a produção de ferro, estabelecendo uma fábrica de fundição na cidade.

Entre as principais famílias que originaram o Quilombo Barra de Santo Antônio, está a de Maria Paulina, nascida na década de 1940, nas proximidades da nascente da Bica. Filha de Benedita Antônia de Jesus e de Pedro Dias da Cunha, conhecido como Pedro Cansado, filho e descendente de africanos, Maria carrega a herança de um povo que resistiu às adversidades.

É neta de Francisca Lúcia, afrodescendente, nascida um ano após a abolição, e do indígena Antônio Psidônio Verônica, o que evidencia a fusão de linhagens quilombolas e originárias que compõem o território. Desde cedo, aprendeu, com sua mãe e sua avó, os saberes da terra, da cura com ervas, da relação com a natureza e da vida coletiva. Dos ensinamentos de seu pai, herdou valores de dignidade e perseverança.

Ao longo de sua trajetória, criou seus filhos, transmitiu conhecimentos tradicionais, fortaleceu a comunidade e enfrentou as dificuldades impostas à vida quilombola. Hoje, aos 84 anos, Maria Paulina é símbolo de resistência, ancestralidade e orgulho, e seu legado permanece vivo entre as novas gerações.

Com os filhos pequenos, Jane buscava água diariamente para os afazeres domésticos. José, por sua vez, muitas vezes, trabalhava a semana inteira sem receber o pagamento prometido pelos fazendeiros, o que agravava ainda mais a situação da família.

Jane é filha de Maria da Conceição e Aldemar Gomes Diniz, que tiveram outros quatro filhos: Mário Gomes Diniz, Luiz Carlos Gomes, Roberto Carlos Gomes e Maria Helena Gomes. Dona Maria é descendente direta de pessoas escravizadas (sua mãe era Efigênia Querina dos Ramos), enquanto Aldemar descende de quilombolas e indígenas. Lavrador, trabalhava diariamente na roça, por baixa remuneração e, em alguns períodos, chegou a plantar “a meia” com proprietários de terra.

A família viveu em uma casa de pau a pique, de chão batido e fogão a lenha, situada muito próxima à linha férrea, atualmente operada pela MRS. Sem água encanada, eles dependiam de bicas naturais para o uso doméstico.



■ Da esquerda para a direita: Daniela Gomes, Sr. Aldemar e Jane.

Sobre a ascendência paterna de José há poucos registros. Sabe-se que ele foi criado por seu avô, também chamado José da Silva Cunha. A família extensa residia no quilombo e

mantinha laços fortes de solidariedade, característica fundamental para a sobrevivência coletiva diante da falta de acesso a estudos e empregos formais.

Sem água encanada, eles dependiam de bicas naturais para o uso doméstico.



- Os integrantes da foto, na maioria, fazem parte da família de José. (Brasilino Dias, Antônio Belo, José Pedro, Maria da Conceição Dias, Ana Benedita Dias, Paulina, Lúcia, Lia, José da Silva Cunha e Sebastião Maurício).

No passado, muitas pessoas da Barra de Santo Antônio trabalhavam nas fazendas da região, pertencentes a proprietários como Dona Alfa, José Amâncio e Pedrinho. Houve ainda a grande fazenda do “Nem Picapau”, posteriormente vendida à empresa Ferro Liga e, mais tarde, à Vale S.A.

Hoje, a comunidade enfrenta intensa pressão territorial causada pela expansão minerária. Muitas famílias migraram para o centro de Congonhas, ou para Belo Horizonte, em busca de melhores condições de vida. Para aqueles que permanecem no território, restam a falta de acesso a questões de infraestrutura básica, como água potável e saneamento, e oportunidades de trabalho restritas à prestação de serviços às mineradoras (Vale S.A. e CSN), ou para a própria Prefeitura.

■ Território

A Comunidade Quilombola Barra de Santo Antônio conta atualmente com 24 famílias residentes. Suas casas encontram-se concentradas em um pequeno espaço territorial, delimitado de um lado pelo rio Paraopeba e, do outro, por ferrovias, grandes empreendimentos minerários e extensas plantações de eucalipto.

O acesso à comunidade ocorre, inicialmente, por estrada asfaltada; porém, à medida que se aproxima do núcleo de moradias, o trajeto passa a ser uma via estreita de terra. Na área das residências, a rua principal é calçada com paralelepípedos. Para adentrar o quilombo é necessário atravessar uma ponte frágil sobre um córrego — estrutura que foi reformada recentemente pela Prefeitura.

O principal marco histórico e cultural do território é a Capela de Santo Antônio, inventariada, em 2023, pela Prefeitura Municipal de Congonhas, por meio da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico (DPHA).

Há também a estrutura inacabada de um posto de saúde. Segundo relatos dos moradores, a obra não avançou porque não há abastecimento de água potável adequado para permitir atendimentos de saúde no local.

A questão da água é um problema histórico para a Barra de Santo Antônio. Em períodos anteriores, a captação era feita diretamente em bicas naturais, alimentadas por nascentes preservadas. Contudo, com a expansão dos empreendimentos minerários, as terras do entorno foram adquiridas por empresas que promoveram desmatamento, reduziram a vazão das nascentes e, em alguns casos, contaminaram cursos d'água. Além disso, áreas antes utilizadas coletivamente passaram a ser privatizadas, impedindo o acesso tradicional da comunidade.

Atualmente, os moradores ainda dependem da água de uma nascente local para consumo e uso doméstico. No entanto, o curso dessa água é a “cēju aberto” e atravessa

propriedades vizinhas, onde frequentemente há descarte inadequado de resíduos, resultando na contaminação da água que chega às casas.

Esse problema já foi relatado reiteradas vezes ao poder público municipal, que, segundo os moradores, tem se omitido de garantir água limpa e segura para o consumo. Apesar de existir um poço artesiano na comunidade, construído há muitos anos, ele nunca foi inaugurado por falta de equipamentos de bombeamento, distribuição e tratamento.

Apesar das dificuldades, a comunidade resiste no território há pelo menos seis gerações. Atualmente, algumas famílias mantêm quintais produtivos com criação de galinhas e cultivo de hortaliças, chás, temperos e árvores frutíferas, destinados principalmente ao autoconsumo.

Além disso, em parceria com o Instituto Federal – Campus Congonhas, foram instalados biodigestores para o tratamento de dejetos humanos e de águas de pias, chuveiros e vasos sanitários. Esse sistema de tratamento primário de esgoto apresenta-se como uma solução adequada para áreas sem rede coletora ou estação de tratamento de efluentes.



■ Mapa Simbólico da Comunidade Quilombola Barra de Santo Antônio.

Economia e sociedade

A economia da Comunidade Quilombola Barra de Santo Antônio apresenta características particulares em relação ao contexto rural. Embora, no passado, a vida comunitária tenha sido estruturada pela agricultura de subsistência, pela criação de pequenos animais e pelo apoio mútuo, práticas que garantiam parte significativa do sustento local, essa não é mais a realidade predominante. Atualmente, a falta de terras para realizar atividades agropecuárias fez com que essas existam apenas em pequena escala, em dimensões que não conseguem atender às necessidades dos moradores, que dependem majoritariamente de bens e serviços externos.

Entre as principais entradas econômicas, isto é, os itens adquiridos fora do território, estão alimentos de consumo diário, produtos de limpeza, gás de cozinha, ferramentas e serviços essenciais, como saúde, educação, transporte, internet e energia elétrica. As compras concentram-se principalmente no município de Congonhas, que, mesmo exigindo deslocamentos longos e custos adicionais, oferece mais variedade e preços mais acessíveis do que os comércios de Jeceaba.

No que se refere às saídas econômicas, grande parte dos moradores obtém renda por meio de atividades exercidas fora da comunidade. Muitos trabalham no comércio, na construção civil, nas mineradoras, em serviços públicos, ou como manicures, cabeleireiras e diaristas. Esse movimento constante de deslocamento assegura o sustento das famílias, mas reduz o tempo disponível para o fortalecimento das práticas comunitárias, culturais e produtivas dentro do quilombo.

No campo social, a Barra de Santo Antônio preserva vínculos familiares sólidos e valores que marcam sua trajetória coletiva, como a solidariedade, a memória ancestral e o respeito aos mais velhos. A principal celebração da comunidade é a festa de Santo Antônio, realizada em julho, além da Santa Missa celebrada no terceiro domingo de cada mês.



■ Celebração de Santo Antônio na capela da comunidade.

Apesar de sua riqueza social e histórica, a comunidade enfrenta desafios para mobilizar suas tradições e fortalecer sua organização interna. Nos últimos anos, contudo, tem crescido entre as lideranças o interesse em retomar práticas culturais, criar espaços de convivência e desenvolver iniciativas que dinamizem a economia local. Esse movimento acompanha o processo de organização política e social da Barra de Santo Antônio, voltado à ampliação do diálogo com as Prefeituras de Congonhas e Jeceaba e à apresentação de demandas relacionadas à infraestrutura, transporte, saúde, lazer e acesso à educação.

Atualmente, a comunidade encontra-se em processo de certificação como Comunidade Remanescente de Quilombo pela Fundação Cultural Palmares. Foram realizadas reuniões e uma assembleia, além do levantamento da história e origens da comunidade, visando compor a documentação necessária para o registro. Esse reconhecimento é entendido pelas famílias como

um marco essencial para reforçar sua identidade, assegurar direitos territoriais e acessar políticas públicas específicas.

Além disso, têm contado com parcerias para viabilizar essas e outras articulações sociais. Entre os principais atores que apoiam a Barra de Santo Antônio estão: a Comunidade Quilombola do Campinho – Congonhas/MG, o Departamento de Patrimônio Histórico de Congonhas, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Congonhas, a Escola Municipal Dona Maria de Oliveira Castanheira, o Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Cedefes) e o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).



■ Membros da comunidade em reunião com o Cedefes sobre autorreconhecimento quilombola.

Em síntese, a economia e a vida social da Barra de Santo Antônio revelam uma comunidade em movimento, ainda marcada por desafios estruturais, mas fortalecida pela memória coletiva e pelo crescente protagonismo de suas lideranças. A visibilidade e reconhecimento da comunidade enquanto Quilombo emerge como caminho central para promover seu sustento e garantir a continuidade de sua história. ■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

